

Folha de S. Paulo

22/1/1986

Greve de "bóias-frias" de Guariba dá sinais de esvaziamento

Da Sucursal de Ribeirão Preto

Apesar do esquema de segurança montado pela Polícia Militar, o segundo dia da greve dos trabalhadores rurais de Guariba, na região de Ribeirão Preto, a 380 km a noroeste de São Paulo, transcorreu sem que nenhum incidente fosse registrado. Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, José de Fátima Soares, 28, a paralisação atinge a 70% dos "bóias-frias" — 3.500 entre cinco mil trabalhadores. Eles reivindicam a elevação da diária de Cr\$ 30 mil para Cr\$ 50 mil e a contratação imediata de mil volantes desempregados.

O assessor de imprensa das usinas e destilarias da região de Ribeirão Preto, jornalista Fernando Brisolla de Oliveira, 54, diz que José de Fátima superestimou os números. Segundo ele, 1.800 dos sete mil (25,7%) "bóias-frias" contratados pela Usina São Martinho — uma das maiores da área e que contrata trabalhadores em várias cidades vizinhas — não compareceram ontem ao trabalho. E apenas um dos quinze caminhões "pau-de-arara" da Usina São Carlos não seguiu para a lavoura. Brisolla disse que o movimento grevista está se esvaziando pois segunda-feira o total de trabalhadores parados era de 2.406.

Sem piquetes

As fortes chuvas que caíram ontem pela manhã, em Guariba, facilitaram a ação da Polícia Militar no controle do movimento. Ao todo, 150 soldados de Jaboticabal e Bebedouro foram mobilizados para Guariba. Sem empregar violência, os policiais dissolveram um pequeno piquete montado no bairro Santa Cruz, na periferia da cidade.

Este ano, os "bóias-frias" mudaram a tática de greve temerosos de que se repetissem as cenas de violência de janeiro do ano passado, quando o confronto entre grevistas e policiais terminou com um morto. "A organização está sendo feita nos pontos de embarque, longe da polícia, isto porque no ano passado a violência foi muito grande", disse Fátima Soares.

Brisolla afirma que os patrões não estão dispostos a negociar, amparados no acordo firmado entre a Federação da Agricultura do Estado de São Paulo (Faesp) e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo (Fetaesp), cuja validade encerra-se dia 30 de abril.

"As empresas estão oferecendo uma antecipação salarial de 30%, a partir de 1º de fevereiro, mas o Sindicato de Guariba não quer aceitá-la", disse Brisolla.

Refluxo

Ontem, em Barrinha, a 40 km de Ribeirão Preto, os presidentes dos Sindicatos de Trabalhadores das cidades de Pontal, Barrinha, Ribeirão Preto e Jaboticabal rejeitaram uma proposta para estender o movimento dos "bóias-frias" por toda a região, depois de discutirem essa possibilidade numa reunião convocada pelo diretor-financeiro da Fetaesp, Élio Neves, 27.

Jairo dos Santos, 34, presidente do Sindicato de Pontal, disse que há poucos dias conseguiu solucionar a questão do desemprego em seu Município, e que por isso acreditava que poucos trabalhadores estariam dispostos a enfrentar uma paralisação. O argumento foi acatado pelos demais sindicalistas presentes à reunião.

Para Élio Neves, que considera greve uma forma de pressão válida o momento não é o mais indicado. José de Fátima, que admite ter recebido Cr\$ 1 milhão do deputado federal Paulo Maluf (PDS) com ajuda para a construção da sede própria do sindicato do qual o presidente (ele também é vice-presidente da Central Única dos Trabalhadores — Interior-2), quer levar o movimento adiante a qualquer custo.

(Primeiro Caderno — Página 11)